

ENTREVISTA COM MARCOS BAGNO: O que (não) ensinar na escola. Refletir é necessário para uma (re) educação sociolinguística

Jacilda Siqueira Pinho (Unemat) ¹

Márcia Vacario²

Neusa Inês Philippsen³

Marcos Bagno é escritor, tradutor, linguista e professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB). Iniciou sua carreira de escritor em 1988, publicando, inicialmente, em sua maioria, livros dedicados ao público infanto-juvenil. Desde 1997, Bagno dedica-se à produção de obras voltadas à educação. No campo da linguística, dedica-se a questões referentes à crítica do ensino da língua portuguesa dentro dos moldes tradicionais. Trabalha como tradutor do inglês, do francês, do espanhol e do italiano. Bagno possui reconhecida notoriedade na militância contra a exclusão social pela variedade linguística. É defensor convicto do reconhecimento das diversas variedades existentes no universo da língua portuguesa no Brasil. Algumas de suas obras são: *A invenção das horas* (contos – 1988); *O papel roxo da maçã* (infantil – 1989); *A língua de Eulália* (1997); *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (1999); *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa* (2001); *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira* (2003); *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística* (2007); *Gramática, pra que te quero? Os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de português* (2011); *Gramática pedagógica do português brasileiro* (2012); *Sete Erro aos Quatro Ventos: a variação linguística no ensino de português* (2013).

Esta entrevista foi concedida, gentilmente, pelo autor Marcos Bagno em 24 de agosto de 2016, via *e-mail*. O que nos motivou a solicitar a entrevista com o ilustre pesquisador foram os estudos e pesquisas nas disciplinas de “Fonologia, Variação e Ensino”, ministrada pela professora doutora Tânia Pitombo de Oliveira, “Gramática,

¹ Professora da rede pública de educação básica do Estado de Mato Grosso, mestranda do mestrado profissional em Letras Unemat- Campus de Sinop.

² Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa, Língua Inglesa (Uniflor) e Língua Espanhola (UFMT). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UNEMAT. Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso-MT. Mestranda do Mestrado Profissional em Letras- Profletras, Unidade UNEMAT/Sinop/MT. Contato: vacariomarcia@hotmail.com.

³ Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) e do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: neusa@unemat-net.br.

Variação e Ensino”, ministrada pela professora doutora Neusa Inês Philippsen, ambas do Mestrado Profissional em Letras- *Campus* de Sinop-Mato Grosso, bem como saber que o professor viria para a Conferência de Abertura do *XIV Colóquio Nacional de Estudos Linguísticos e Literários*, que aconteceu no dia 19 de setembro de 2016.

Convidamos os leitores a lerem os resultados de nossa entrevista. Bagno, além de pesquisador, é professor, papel que ficou claro durante a troca de *e-mails* em que aprendemos muito sobre a nossa língua e sobre as variedades linguísticas, dentre elas a língua culta. Assim, refletir sobre o que (não) ensinar na escola pode contribuir para a formação de um cidadão crítico no futuro.

A seguir, convidamos os leitores a lerem os resultados de nossa entrevista.

Mestradas Profletras - De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1996): Quando se afirma, “porque a finalidade do ensino de Língua Portuguesa é a expansão das possibilidades do uso da linguagem, assume-se que as capacidades a serem desenvolvidas estão relacionadas às quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever”. Diante desta afirmação, qual seria o papel do educador nas aulas de Língua Portuguesa a fim de promover a análise e reflexão sobre a língua?

Marcos Bagno: O papel do educador na promoção da reflexão sobre a língua é único e fundamental. É perfeitamente possível levar os estudantes a apreender o funcionamento da língua e a se conscientizar dos recursos da língua sem precisar recorrer à terminologia gramatical nem aos exercícios estéreis de classificação. As atividades chamadas epilinguísticas são muito mais importantes do que as metalinguísticas. Infelizmente, as metalinguísticas têm dominado o ensino-aprendizagem da língua há séculos. Por exemplo, a substituição de uma oração plena por um infinitivo, como em: “Ela disse que gosta mais de teatro do que de cinema” por “Ela disse gostar mais de teatro do que de cinema”, pode ser estudada e aprendida por meio de exemplos e pela simples demonstração da operação, sem precisar dizer que se trata de uma “oração subordinada substantiva completiva nominal objetiva direta reduzida de infinitivo”. Saber esses nomes todos não garante conhecer o fenômeno linguístico em jogo. Isso significa que, ao contrário dos que muitas pessoas

desavisadas pensam e afirmam, ninguém está propondo o “fim da gramática” em sala de aula, mas simplesmente a reflexão sobre a gramática numa outra chave, sem nomenclatura. Para isso, no entanto, precisamos de professoras e professores com sólida formação linguística, o que infelizmente ainda não é a realidade da maioria do nosso corpo docente.

Mestrandas Profletras- Com o avanço e acesso da tecnologia digital nas mais diversas camadas sociais, de que forma educadores poderiam utilizar a tecnologia em prol da desconstrução do preconceito linguístico?

Marcos Bagno: Desconstruir o preconceito linguístico é algo que se pode fazer por meio de um discurso bem informado, com boa argumentação científica e com atitudes positivas diante da diversidade cultural e linguística. As novas tecnologias podem auxiliar nisso, mas não são indispensáveis nem garantem, por si só, um avanço na questão. Como toda tecnologia, elas podem ser utilizadas para fins adequados ou não. O importante é a conscientização dos docentes sobre as consequências socioculturais e educacionais da variação e da mudança linguística e a elaboração de recursos pedagógicos para o tratamento dessas questões.

Mestrandas Profletras: Você considera que os livros didáticos nos últimos 10(dez) anos têm dado atenção à variação linguística?

Marcos Bagno: Há quase vinte anos já os livros didáticos – até para tentar atender aos editais de compra do Ministério da Educação – vêm abordando o fenômeno da variação linguística. Infelizmente, como muitas pesquisas têm mostrado (inclusive algumas que eu fiz e publiquei no livro *Sete erros aos quatro ventos*), essa abordagem deixa muito a desejar. Primeiro, porque não tem uma boa fundamentação teórica e confunde conceitos importantes da sociolinguística, como “norma culta” e “norma-padrão”, que não são a mesma coisa. Em seguida, esses livros apresentam, em sua maioria, uma certa “esquizofrenia”, porque falam da variação, dizem que não se pode ter preconceito linguístico, mas nas seções dedicadas à gramática continuam usando as noções tradicionais de “certo” e de “errado”, condenam usos já consagrados há mais de duzentos anos no português brasileiro culto, incluindo nossa melhor literatura. Ali se verifica um apego irracional a um modelo de língua “certa” que nem os melhores

gramáticos e os melhores dicionaristas defendem. É o que o professor Carlos Alberto Faraco chama de “norma curta”: um modelo de língua “certa” que condena até usos já bem documentados e aceitos pelos filólogos e dicionaristas. É uma pena, porque em outros eixos de ensino (leitura e escrita, por exemplo), muitos livros já trazem avanços significativos, mas ainda apresentam um medo injustificado de avançar também na área da gramática.

Mestradas Profletras: No livro “Nada na língua é por acaso” são discutidas as normas culta e padrão. Na sua concepção existe uma norma oculta?

Marcos Bagno: Muitos linguistas brasileiros vêm se esforçando para mostrar que existe uma diferença radical entre a “norma-padrão” (conjunto de regras prescritas pela tradição gramatical) e a “norma culta” (usos reais da língua por parte dos falantes urbanos mais letrados), mas até agora com pouco sucesso. Se ao menos as pessoas dedicadas ao ensino compreendessem essa distinção, já teríamos uma pequena revolução. Mas, sim, existe uma “norma oculta”, que é a ideologia que comanda a cultura linguística, o senso comum sobre língua, recheada de mitos e fantasias do tipo “português é muito difícil”, “só os portugueses sabem falar bem a língua”, “as pessoas sem instrução formal falam tudo errado” e outras superstições desse tipo. Essas ideias retrógradas e nada científicas, infelizmente, dominam nossa cultura mais geral sobre língua e, mais infelizmente ainda, também imperam no ambiente educacional.

Mestradas Profletras: Recentemente você resenhou o livro “História sociopolítica da língua portuguesa”, de Carlos Alberto Faraco. Quais pontos importantes na obra merecem atenção?

Marcos Bagno: Esse livro é já um clássico da nossa bibliografia sobre língua. O autor retraça toda a história da língua portuguesa, desde o surgimento do galego, no noroeste da Península Ibérica, sua descida para o sul, na formação do futuro reino de Portugal, a mudança de nome (de “galego” para “português”), a exportação da língua para fora da Europa e sua chegada ao Brasil. É fundamental sobretudo porque demonstra, com forte documentação, que o português no Brasil foi língua minoritária durante muitos séculos da nossa história e que só a partir do século XVIII, com a descoberta do ouro em Minas Gerais, a língua iniciou seu trajeto para se tornar a mais

usada em todo o país. Esse percurso histórico é muito importante para que as pessoas se deem conta de que as pessoas não começaram a falar português por aqui de uma hora para a outra, com a chegada dos primeiros portugueses. Foi preciso um longo processo de genocídio de nações indígenas, de escravização de milhões de africanos, de repressão ao uso de outras línguas para que o Brasil se tornasse um país lusófono. E também é importante para que a gente entenda de onde vem a grande distância que existe entre as variedades urbanas “cultas” e as variedades populares, por que existe uma polarização sociolinguística no Brasil (termo empregado por Dante Lucchesi), que reflete a polarização social mais ampla, já que somos um dos países com a maior desigualdade social do mundo.